

André Rangel Rios

# **VIRGILIO**

(conto)

©1995 by *André Rangel Rios*

Rio de Janeiro  
1994

*Arma virumque cano, Trojae qui primus ab oris  
Italiam, fato profugus, Laviniae venit  
litora.*

*Cano arma virumque, qui, fato profugus, primus ab oris Trojae venit  
Italiam, litora Laviniae.*

Canto as armas e o varão (Enéias) que, fugitivo pelo destino, (foi) o primeiro (que) veio das costas de Tróia para a Itália e para as praias de Lavínio.

Canto os combates e o herói que, por primeiro, fugindo do destino, veio das plagas de Tróia para a Itália e para as praias de Lavínio.

As armas e o varão canto, piedoso,  
Que primeiro de Tróia desterrado  
À Itália trouxe o Fado poderoso,  
E às praias de Lavínio veio armado

Versos de Virgílio popularíssimos. Conhecidos por muitos que não conhecem de Virgílio senão estes versos. Versos insinuados no *Brás Cubas*, onde o *virumque* vira Virgílio e Virgílio, Virgília. Brás Cubas pratica poemas, conhece de Virgílio ao menos estes versos e ama Virgília. É como se Machado de Assis se esforçasse por atribuir a Brás Cubas uma certa passividade feminina. O *vir* seria antes a Virgília. Não é por acaso a Virgília quem está por detrás da carreira do marido dela? Que o leva para frente? Não foi Virgília que tirou Brás para dançar? Que contara ao primo Dutra ter sido Brás um pretendente dela? Não foi ela que moveu o marido a convidar o Brás para uma reunião íntima? Ela foi o varão que conduziu o destino de Brás. Brás docilmente levado pelo destino. Enéias foi o varão arrastado pelo destino, mas acabou por se impor contra a mais terrível das mulheres, uma deusa, a Juno poderosíssima. Contou para isto, certamente, com a ajuda do varão dos varões, de Júpiter potentíssimo. Porém a varonice de Enéias vai muito além. Venceu fácil uma batalha que seria para outrem uma árdua peleja. Arrebatou fácil - mais fácil que os “quantos triunfos bélicos colhidos” por ele - o amor da dura Dido. Dido, uma mulher

convictamente desiludida do amor, “se, enfastiada, eu já não estivera do leito conjugal”, por lhe ter deixado o seu homem, o seu “primeiro amor”, devido a uma “morte fera”, “enganada e desiludida”. Dura na queda, jurara aos deuses renúncia eterna ao matrimônio e aos “de Vênus favores”, assumindo um “propósito firme” de “jamais me casar em toda a vida”. Porém aguilhoou-a o intrépido Cupido e...

...a rainha Dido, gravemente  
 Ferida já de amor, fomenta e cria  
 Entre as veias a chaga, e cruelmente  
 Se abrasa em fogo oculto, noite e dia;  
 O valor do Varão, da nobre gente,  
 Revolve na turbada fantasia.

Bem que a paixão também combaliu Enéias: entregando-se ao amor de Dido, não seguindo viagem, seu destino não se realizaria. Varonil agora passara a ser renunciar ao impecílio do matrimônio e correr atrás do destino. O “Fado poderoso” empalidecia-se diante do amor. O Fado havia de se revigorar, havia de arrastar Enéias de volta aos mares, havia de mostrar na força de Enéias sua implacável força. E não só na força de Enéias, mas também na do filho de Enéias, Ascânio, e na do filho do filho de Enéias, Julo. Julo. Para este se fazia toda a viagem e todas as peripécias. Para Julo: o reino da Itália. Toda a estória, todos os esforços e embates de todos os deuses, todo o poema, tudo para este nome: Julo. Para que do nome Julo ressoasse uma legitimação a mais, uma glória a mais para aquele Júlio que de Julo descenderia: tudo para Júlio César. Júlio César. Júlio César protegido pois de Zeus, divinizado, poderoso e potentíssimo, herdeiro do furor amoroso jupiteriano, do qual nos diz Suetônio que Cúrio dizia que ele era *omnium mulierum virum, et omnium virorum mulierem* (o homem de todas as mulheres e a mulher de todos os homens).

E o fero Enéias teve a força de seguir o seu destino imperioso deixando Dido sofrendo sua dor insuportável. Legítimo varão, Enéias é como que insensível, não compreende o que era óbvio, o que um homem com um mínimo de sensibilidade, e se capaz fosse de superar o seu egoísmo, entenderia: Dido se mataria. Dido, incendiada de paixão, se incendiou de fogo insinerante enquanto Enéias partia com seu lenho (isto é, em seu barco). Oh! Dido sempre mal amada!:

Entanto, Enéias, nos mal seguros  
 Lenhos, meio caminho feito havia,  
 E os mares, com os Áquilos escuros,

Solícito e prudente dividia,  
 Quando, volvendo os olhos para os muros,  
 Que já resplandecer com flamas via,  
 Da misérrima Dido, não compreende  
 A causa, que tão grande fogo acende.

Porém todos os compatriotas de Enéias entenderam o que se passava. Enéias, como bom varão e marido, como é clássico e tradicional, sendo o último a saber.

Porém, a dor cruel e rigorosa  
 De um amor fino, mal correspondido,  
 E o grã furor de uma mulher raivosa,  
 Que seu amado objeto vê perdido,  
 Faz que os Troianos já dolorosa  
 Morte suspeitem da infelice Dido,  
 E por presságio triste, assi julgavam  
 O incêndio, que de longe divisavam.

Mas, se Enéias, forçado ou forçando o Fado poderoso, enfim: pela força do destino, chegou nos *litora* de Lavínio (para lá além de bélicos triunfos obter também os favores de uma donzela), chegou lá para quê, senão para forçar outros destinos? O destino de Virgílio em escrever-lhe as façanhas e de, em escrevendo-lhe as façanhas, erigir-se como que em pai da Lígia latina. Erigir-se mesmo em pai das línguas latinas e de outras línguas. Não são nem poucos nem pouco grandes os que recorrem a Virgílio, à paternidade de Virgílio. Dante honora o pai Virgílio: torna-se, conduzido pela mão de Virgílio o pai da língua italiana. Por isso também não é possível não citar aqui Camões, escrevendo tendo Virgílio como modelo. Camões: pai da língua portuguesa. Pai e ele mesmo guerreiro, guerreiro que muito amou, mas que, dizem, mais amou seu poema deixando sua amada, não incendiar-se, mas afogar-se. Pai, filho, poema, mar, amor, abandono, guerra.

As armas e os barões assinalados,  
 Que da ocidental praia lusitana,  
 Por mares nunca dantes navegados,  
 Passaram ainda além da Taprobana...

O que em versão latina ficou sendo:

*Arma cano celebresque viros, qui a littore ponti  
Occidui, Lysii surgunt ubi moenia regni,  
Per maria ante aliis nunquam tentata carinis  
Ire vel extremos ultra potuere recessus  
Taprobanes...*

O que retornando ao português fica sendo:

Canto as armas e os varões célebres que, do litoral do mar ocidental, onde erguem-se os muros do reino de Lysio, puderam ir, por mares nunca antes tentados por outras quilhas, para além do longínquo extremo da Taprobana...

Sempre os varões com suas armas fundando reinos e destemidamente se defrontando com esta força ingente que é o mar. O mar que se faz de generosa estrada, que dá alimento aos navegantes, mas que revolve-se e engolfa os que lhe navegam. É logo no início de sua epopéia que Enéias enfrenta omniosa procela. Ondas tão altas que alcançam os astros, *ad sidera*. São tais as montanhas de água que se erguem, que entre elas se pode ver a areia no fundo do mar, *his unda dehiscens terram inter fluctus aperit*. Densas nuvens obnumbrantes fazem do dia noite negra sobre o mar, *ponto nox incubat atra*. Navios são lançados contra escolhos. Um barco é arrastado para um rodamoinho e, girando, é devorado pelo mar, *vorat aequore vortex*. Marinheiros são vistos nadando dispersos pelo mar revolto, *apparent rari nantes in gurgite vasto*.

Como não lembrar do Padre Almeida? Oh caro Padre Almeida! Tão gentilmente te dispuseste a ler comigo estes mesmos versos de Virgílio. Tantos são já pretéritos anos! Como ríamos. Como rimos de tudo tão sublime! Como rias tu de tuas saudosas lembranças dos teus tempos de seminarista em Friburgo. Uma vez no almoço dos seminaristas serviram-lhes feijão aguado. No panelão, muito caldo ralo e poucos caroços. Riam-se os seminaristas ao dizerem: “*apparent rari nantes in gurgite vasto*”.

E, logo após tão memorável verso, o anticlímax: *arma virum, tabulaeque, et Troia gaza per undas*. Além dos marujos bóiam nas ondas as armas dos varões, tábuas e os tesouros de Tróia. Se no início soava solene e sublime: *arma virumque cano, Troiae...*, agora ressoa vazio, inglório: *arma, virum, tabulaeque...* Tábuas. Nas *tabulae* que aparecem destroçadas flutuando nas vagas é que ecoa toda a desolação. Crueldade do destino, do sevo Fado poderoso.

Destino porém que parece destinar quase que só Enéias. Os outros não são em si nem tanto vítimas do destino, mas do destino de Enéias. É o

destino de Enéias que estraçalha barcos e deixa vítimas pelo caminho: afogados e queimados. A maioria, os exércitos, tem em suas fileiras estes que são às dúzias desbaratados, dispersos, tal cinzas volatilmente. Desterrados mundo afora profligados pelas vicissitudes. Porém há *rari nantes* que sorriem após terem sido levados, por tempestades ou calmarias, para bem além da Taprobana: assim está ora Ruth sorrindo em uma foto, ora Sérgio. Ela de óculos escuros e roupa meio hippie, ele de cabelos longos, negros, desgrenhados. Os sorrisos - indica já uma ligeira análise - vão além de um fotográfico convencional crispamento facial. Há alegria e serenidade nos olhos e feições dos dois. Longinquamente sorriem em Taj-Mahal. O lago frontal. O cinzelado dos mármore. Uma vista do rio e da amplitude da planície. Paisagem enigmática. Parecendo miniatura. “A máquina não era boa. Só tirei a foto do rio para tentar apreender o impressionante da amplidão. Mas a máquina não era boa, precisava de lentes especiais.” A realidade retratada falsificava a realidade, diminuindo-a. Muitos detalhes do cinzelado, mas o fundamental, o sublime, perdido.

“Não, não é um templo. É uma tumba. Um marajá daqueles fez para uma princezinha morta.” Por amor? Se por amor, então um frio na espinha por não saber o que é o amor. Nunca amou quem não amou de tal forma que, após a morte, seguiria amando? E Sérgio e Ruth amam-se? Ele construiria um tal monumento? *One of the most beautiful buildings in the world*, diz a Enciclopédia Britânica. A Enciclopédia Britânica também confirma, com mais detalhes, é claro, que o imperador Shah Jehan *in memory of his wife Mumtaz Mahal* (“*Chosen One of the Palace*) construiu este *building* cujo nome é uma corruptela do nome verdadeiro supracitado de sua esposa que em 1631, na cidade de Burhanpur, morreu parindo (a Enciclopédia não diz se o filho sobreviveu). Foi ela porém *the emperor’s inseparable companion since their marriage in 1612*. Taj Mahal foi construído por um conselho de arquitetos da Índia, Pérsia e Ásia Central mobilizando 20.000 trabalhadores. A Enciclopédia descreve em detalhes as medidas do mausoléu e os materiais de sua construção. As medidas vêm primeiramente em pés e, entre parênteses, em metros: *a massive arch that rises 108 feet (33m) on each face*. Uma descrição anódina, tola. Mesquinha. Repulsiva. Nada digna de um marajá, menos ainda de um marajá apaixonado. Nada de digno da paixão. Muito melhor é o texto da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Não é apenas uma Enciclopédia, é uma Grande Enciclopédia. Grande. É antes de tudo Grande. Com magnanimidade. Magnanimamente nos narra a Grande Enciclopédia: *TAJ-MAHAL. Célebre monumento indiano. Entre as muitas maravilhas arquitetônicas que a arte maometana, impulsionada e subsidiada pelos faustosos e ricos marajás mouriscos...* Faustoso é também o estilo literário

desta Grande Enciclopédia... *nenhuma* [maravilha] *excede, em beleza, em grandeza e sumptuosidade, em perfeição artística, em intenção amorosa, o excelso monumento designado por Taj-Mahal e universalmente conhecido e admirado*... Onde na Enciclopédia Britânica se desperdiçou com números e medidas há abundância, nos portugueses, em saraivadas de adjetivos salpicados com advérbios reforçando os adjetivos... *universalmente conhecido e admirado* é este *enorme mausoléu, todo em mármore branco e rosado... recoberto de rendilhados e esculturas*, construído pelo *Xá-Jehan, sucessor do grande* [a Grande Enciclopédia sempre reforça no grande] *e belicoso imperador Aurengjeb, que, por sua vez foi sucessor do célebre e poderoso* [esta informação a sovina Enciclopédia Britânica nos omitira] *Akbar*... Como é que a Enciclopédia Britânica deixou de nos falar de Akbar? Tão célebre, mas ausente da Enciclopédia Britânica! Prossigamos com a Grande Enciclopédia só nela há as verdadeiramente importantes informações. Aí lê-se que Xá-Jehan havia casado, ou melhor, *havia desposado* uma princesa *formosíssima* que porém morreu, quer dizer, *faleceu* do seu primeiro parto [infelizmente aqui também a Grande Enciclopédia falha e nada nos conta sobre se um filho sobreviveu ao infeliz parto]. Com o falecimento da *sultana o imperial consorte* ficou *sumamente desgostoso e inconsolável*. Porém, antes de morrer, a *formosa imperatriz* fizera seu consorte jurar *que não tornaria a casar e faria construir, em sua honra, um mausoléu condigno*... E, de fato, a promessa foi cumprida *requintadamente*. Assim, o Taj-Mahal, *este esplendoroso monumento, que nas noites de luar cintila e produz efeito maravilhoso*, ficou concluído 22 anos depois, *quando Xá-Jehan cessara de existir*. Ou seja, o Xá cumpriu sua promessa para além de sua morte, para além da cessação de sua existência. Note-se só ainda - isto também me narrou Sérgio - que os dois sarcófagos que estão no salão principal do mausoléu, no salão *encimado por grande* - nos relata com sua usual precisão a Grande Enciclopédia - *zimbório*. Contudo os sarcófagos estão vazios, os corpos dos dois soberanos foram, não se sabe por quê, sepultados num subterrâneo. Os sarcófagos são, portanto, cenotáfios daqueles que estão enterrados logo abaixo. O mausoléu é então um duplo monumento: é cenotáfio e sepultura. É duplo também por homenagear amor e morte.

A princesa Mumtaz Mahal destinou o varão Xá-Jehan a construir um tão *magnificante building*. O Taj-Mahal destinou Sérgio e Ruth a cruzarem o mundo para apreciá-lo e fotografá-lo. Jorge Benjor foi inspirado a compor seu *hit* de sucesso *Taj Mahal*. Tudo como que diamantes a mais incrustrados nos rendilhados de Taj Mahal: o amor de Sérgio e Ruth, a música de Benjor, o verbete da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Mesquinharia foi só o texto de frieza cientificistóide da

Enciclopédia Britânica. Que se dêem vivas ao amor mongol do Xá-Jehan!  
Vivas ao tirânico e doce juramento imposto pela sultana!

A princesa morreu parindo. Morreu pois em conseqüência da virilidade do Sultão. Mas fez com que o Sultão renunciasse em muito a sua virilidade e se submetesse aos seus caprichos *post mortem*. O Xá aceitou renunciar. Foi assim então que se fez grandioso e admirado. Para além de sua própria morte - força da audácia. Proesas, extraordinárias, impossíveis - de amor e morte. E as ousadias do soldado Camões? Sua fera coragem em escrever os *Lusíadas*! Hoje até é bem fácil se escrever um livro, assegurando-se um mínimo de glória com uma edição autofinanciada. Mas outrora! E a singular paternidade daquele outro poema épico daquele outro bravo português anterior a Camões? Todo um *Poema epicum*, assim em latim, escrito e nem assinado - como que largado no tempo -, mas com relativa segurança atribuído a José de Anchieta. Anchieta este entre os poucos que o Brasil intitulando-o brasileiro postula que seja santificado por Roma. Brasil, um país tão imenso, tão católico, tão ao menos em número, mas sem santo próprio. Há um desequilíbrio grave na distribuição mundial de santidades. A Itália, rica e opulenta, tem santos à socapa, o Brasil, a Bolívia ou o Paraguai, dessantificados. Não é possível que Deus tenha deixado pauperizados em *gratiae santificantes* povos tão sofridos. Como é possível que o tão profético Nordeste do Brasil, desértico como aprazia a Jerônimo, não tenha santos aos borbotões? São já, enfim, cinco séculos de fé católica trazida gananciosos pelos portugueses em espoliar as riquezas de além-mar. Os feitos desses intrépidos lusos combatendo indígenas e franceses, sob o comando de Mem de Sá, é o que nos canta Anchieta:

*Virtutes summi divinaque gesta Parentis,  
et nomem, Rex Christe, tuum; tua facta decusque  
et laudes canere incipiam...*

Começarei a cantar as glórias do Pai supremo, os feitos divinos, teu nome, ó Cristo Rei, tuas conquistas honrosas e louvores...

Estes feitos divinos que canta Anchieta foram, é claro, perpetrados por mão humana, humana mas guiada ou autorizada por Deus. Foste portanto tu, ó Mem de Sá, que liqüefizeste os modos ferozes dos peitos brasílicos (*feros Brasillica pectora mores liquere*) e que domaste (*domuisti*) em guerra de vingança (*vindice Marte*) as gentes inumanas (*inhumanas gentes*). Expele, diz Anchieta, os ímpios crimes (*scelera impia pelle*) e submete os reinos bárbaros (*barbara regna*) ao eterno Deus (*aeterno Deo*)! É no início da *Epistola nuncupatoria* anteposta ao *poema epicum* que

Anchieta nos esclarece qual, em essência, foi o grande feito de Mem de Sá. Esta epístola é redigida como se fosse uma epístola escrita pelo próprio Jesus para Mem de Sá. Uma vez que este poema épico ficou sem a assinatura do próprio punho de Anchieta, pode-se dizer que, a princípio, seria Jesus que valeria como o autor desta obra. Mas a façanha que Jesus atribui, ao menos em parte, a Mem de Sá, foi a de ele ter convertido aquele que, isto é, os índios, comia corpos humanos (*hominum rodebat corpora*) em alguém que nutre (*cibat*) os seus peitos apaziguados (*mitia pectora*) com o pão santo (*sancto pane*). O grande triunfo: converter canibais, estes que sugavam (*sugebant*) com ávida goela (*saeva fauce*) o sangue humano (*humanum cruorem*) em pacatos papa-hóstias. Os índios eram, nos narra Anchieta, cruéis e belicosos, mas é a antropofagia que é o insuportável. De fato, no tempo lá deste poema estava regulamentado por lei (havia lei no Brasil de então) que era motivo para “guerra justa” combater o canibalismo cruento para substituí-lo pelo canibalismo panificado dos católicos. Há quem discuta hoje em dia se havia de fato canibalismo entre os índios, a saber, entre os tupinanbás. Eduardo Viveiro de Castro nos relata uma antropofagia ritual mitigada entre os arauetés (povo aparentado dos hoje dizimados tupinambás) que consumiriam, misturado na comida, o pó de ossos humanos triturados. Relatos que nos narra Florestan Fernandes nos indicam que, ao contrário, é bem provável que houvesse antropofagia ritual entre os tupinambás com o consumo de carne humana sob a forma de churrasquinho antecedido por um banho dado às crianças com o sangue da vítima. Porém tudo para transmitir a coragem do guerreiro aprisionado. Só o guerreiro corajoso, aquele guerreiro que portava muitos nomes, a saber, que portava os nomes de outros grandes guerreiros também polinômicos que ele havia matado, é que tinha a honra de ser devorado. Ao ser devorado seus nomes eram assumidos pelos devoradores. Ou seja, comiam mais por fome de nomes que de carne. Lembro-me do poema *Juca Pirama* que li na escola no quinto ano primário: o guerreiro chora, logo, não é corajoso e não tem a honra de ser comido. Mas Anchieta que não teve a oportunidade de ler *La pensée sauvage* de Levi-Strauss não tinha a nossa cosmopolita sensibilidade para a complexidade das culturas dos povos sem escrita e via talvez neles somente cruéis bárbaros com perversidades e supersticiosos hábitos alimentares viciosos. Nova religião: nova culinária, prescrição já para judeus e muçulmanos, mais ainda para os indígenas. Se já judeus e muçulmanos sangraram contra espadas cristãs, mais ainda os indígenas. E Anchieta tem os relatos nos quais se basear. Tal o impressionante relato da morte matada do Bispo Sardinha, o primeiro bispo do Brasil, deglutido após aprisionamento devido a naufrágio. Havia-se pois que a todo o custo fazer cessar as guerras e o sangrento costume (*crudo more*) destes que

dilaceram (*lacerent*) os corpos do inimigo (*hostilia corpora*), que fartam (*explentes*) a guela sedenta (*sitiens guttur*) com sangue humano (*humano sanguine*) e que mastigam (*mandentes*) carne humana (*hominum carnes*). Para aplacar este furor selvagem o poema propõe que só com a morte (*morte sola*) se pode expiar tal crime de antropofagia (*id piandum flagitium*), isto é, penalizando-os com penas de sangue (*dandas cum sanguine poenas*). Este épico, capaz de dar frio na espinha dos modernos leitores politicamente corretos, é o épico da fundação do Brasil. O relato encomiástico do nosso candidato a santo, relato escrito em um latim correto, tanto quanto possível com vocabulário virgiliano e, sempre seguindo o modelo da Eneida, em bem contados hexâmetros dáctilos é, ainda que oblivido pelos literatos, uma obra da literatura luso-brasileira. É mais uma vez o pai Virgílio conduzindo e inspirando uma narrativa de homens sobre homens, de homens fundando o domínio de homens sobre homens. Mas se este poema latino de Anchieta é de homem para homem, há ainda um outro poema que o acompanha: é o seu poema - também em latim - sobre e em louvor à Virgem Mãe. Poema contrapartida deste que se consagra ao Pai, que fala ao Filho e que é antecedido por uma carta do próprio Filho a Mem de Sá e que está, porém, intimamente associado ao da Virgem por ser igualmente em latim contendo, inclusive, frases bem semelhantes (semelhanças que, aliás, servem para confirmar a autoria de Anchieta que só ousou apor seu nome no poema à Virgem).

“Papaiê! Papaiê!” “Sim?” “Por que o piru às vezes fica grande às vezes fica pequeno?” A pergunta assim enunciada que indica um mistério inefável, mas que, ao dizer dos educadores, deveria ser debelada por meio de uma educação sexual, isto é, pergunta que deveria ser respondida, segundo os sexólogos, “com naturalidade”. Tal como se o sexo fosse natural, como se falar sobre sexo fosse natural, como se falar fosse natural. Natural querendo dizer sem mistério. Como se, bem ao contrário, já se não conseguisse falar sobre o que é falar ou sobre o que é sexo. Como se a ereção não fosse a cada vez um mistério dos mais absconsos. Não se deve recorrer a um conceito de natural para banalizar o mistério. Natureza enquanto algo tendendo a uma auto-reprodução cíclica só pode ser pensada como um enigmático encadeamento de mistérios. Um dos elos desta corrente é a ereção. “Por que o piru às vezes fica grande às vezes fica pequeno?” De fato, às vezes ele fica pequeno quando se o esperava grande e às vezes, à toa à toa, ele se enrijece. O difícil não é explicar-lhes a fisiologia da tumefação erética, mas o “às vezes”. Mas por que não dizer “Meu filho o que você está não é perguntando mas pedindo autorização a seu pai para ter ereções, você está sofrendo é de complexo de castração”. Terminologia sem dúvida inacessível a crianças incapazes de tamanha

elaboração. Contudo, como ousaria eu discordar deste também grande pai Freud que nos ensina que o pai primevo comia todas as mulheres da tribo não deixando uma só sequer para os filhos. Ou seja, ainda que nunca tendo sido observada, teria havido uma horda primitiva (*Urhorde*), onde haveria um pai violento (*gewaltätiger*) e ciumento (*eifersüchtiger*) que pegaria (*behält*) para si (*für sich*) todas as mulhereszinhas (*alle Weibchen*) botando para correr (*vertreibt*) todos os filhos adolescentes (*die heranwachsenden Söhne*). A história começa é quando, nos narra Freud, um belo dia (*eines Tages*) os irmãos banidos (*die ausgetriebenen Brüder*) se uniram (*taten sich zusammen*), assassinaram (*erschlugen*) e comeram (*verzehrten*) o pai (*den Vater*). Isto foi o que pôs fim à horda primeva ou, como também a denomina Freud, à horda darwiniana (*Darwinsche Urhorde*). É de certo modo só então, isto é, após este parricídio, que se inicia a história da civilização, pois os irmãos, para estabelecer ou reestabelecer a ordem na tribo, têm de recorrer à proibição do incesto (*das Inzestverbot aufzurichten*). É que, a rigor, o assassinato do pai foi inútil pois os filhos não se livram dele, antes ficam ainda mais oprimidos por ele: o morto (*der Tote*) torna-se então (*wird nun*) mais forte (*stärker*) do que era o vivo (*als der Lebende gewesen war*). Porém se foi inútil quanto à culpa não o foi quanto à história, pois pôde passar a ter história, pois o filho passou a ser, ainda que oprimido pela culpa, o sucessor do pai, isto é, o pai deixou de ser pai plenipotenciário, isto é, passou a ser um pai menos pai e os filhos passaram a ser de sua família, isto é, não mais foram expulsos deixando de ser família e como que, por não serem mais filhos, a invalidarem a paternidade do pai. Ou seja, na verdade um pai plenipotenciário não era pai, pois um filho nulipotenciário não era filho. O filho passou a ser filho quando acabou com a *plenitudo potestatis* do pai, isto é, assassinando-o, mas isto porém só porque ele não conseguiu de todo matá-lo e continuou culpado. Porém, para ele continuar culpado era necessário que ele não fosse um, por assim dizer, psicopata, mas que já fosse um neurótico. Ou seja, o filho não se tornou neurótico por assassinar o pai, ele já o era. Sendo assim, o assassinato do pai também não era necessário, pois a neurose, isto é, a civilização, já existia. O assassinato primordial foi assim tanto inútil como desnecessário. O pai que tem que ser assassinado sempre já o foi. O pai que teria de renunciar à parte de sua paternidade para que seu filho pudesse ser o seu filho e não um banido apátrida sempre já renunciou. Não há pai sem ódio, sem amor, sem morte, sem filho, sem guerra, sem violência, sem renúncia à paternidade (sem uma renúncia à paternidade que é inútil, pois - para além de qualquer possibilidade de renúncia - é-se pai: não se pode renunciar nem a assassinar nem a ser assassinado). Virgílio queria queimar a sua paternidade, pois queria queimar os manuscritos da

*Eneida* (“Hei de morrer, talvez ainda hoje... Mas antes queimarei a *Eneida*...” nos diz Broch que Virgílio disse em seu último dia em Brundísio.): o desejo do grande pai Virgílio foi assassinado pelos que não seguiram o seu desejo derradeiro, de modo que, assassinado o desejo do grande pai, o grande pai foi sagrado grande pai. Assim também Kafka pediu a Max Brod que queimasse os textos que Brod havia dito que não queimaria, o que fez de Kafka este grande pai, este grande pai que escreveu sobre o pai como se escrevesse sob o peso do pai, embora já não mais então estivesse sob seu peso e enquanto ao escrever ele matava o pai e se tornava pai, inclusive se tornava pai porque, com sua escrita implacavelmente moderna, não se endividava com Virgílio, com este grande pai que ele não cultuava e ao qual não ficou devendo mais do que o que inevitavelmente ele ou qualquer outro teria de ficar devendo, que ele ou qualquer outro está destinado a ficar devendo. Virgílio, o pai que Kafka inútil e desnecessariamente mata. Porém há ainda algo de curioso neste tal dia (*eines Tages*) em que os irmãos matam e devoram o pai, pois Freud explica, entre parêntese, o que poderia ter dado coragem a estes filhos cabrões que se borravam diante do papai: talvez (*vielleicht*) um desenvolvimento cultural (*ein Kulturfortschritt*) tivesse proporcionado o manejo (*Handhabung*) de uma nova arma (*einer neuen Waffe*) e incutido nos irmãos um sentimento (*Gefühl*) de superioridade (*Überlegenheit*). Ou seja, já havia progresso cultural sem o assassinato do pai e sem a nova organização social. Curioso também é que Freud não explica porque os filhos manducam o papai. Freud diz só que para o canibal selvagem (*für den kannibalen Wilden*) comer (*verzehren*) o morto (*den Getöteten*) é algo bem corriqueiro (*selbstverständlich*). Em todo caso, no ato de comê-lo (*im Akte des Verzehens*) impunha-se (*setzt sich durch*) a identificação (*Identifizierung*) com o pai. Sendo assim, ao menos do ponto vista tecnológico a explicação freudiana é incompleta. A possibilidade de uma diferenciação pai/filho remeteria a alguma diferenciação anterior que permitiria uma diferenciação tecnológica decisiva, isto é, que permitiria um desenvolvimento cultural, ou seja, o desenvolvimento de uma arma. E qual seria este desenvolvimento ou possibilidade de desenvolvimento que diferenciaria o homem dos outros animais, que desnaturalizaria o homem, que o desnaturalizaria civilizando-o ao ponto de ele não só falar, mas também de ele se consolidar culturalmente, segundo Freud, ao assassinar seu pai? Engels diz, com grande segurança, que o passo decisivo (*die entscheidende Schritt*) foi dado pela mão, quer dizer, que o passo decisivo deu-se quando a mão deixou de servir para andar e ficou livre (*die Hand war frei geworden*). A essência do humano é, portanto, a liberdade das mãos, isto é, - completo eu agora - a possibilidade de fazer uso da

oponência do polegar. Mas este livre uso das mãos teve de ser exercitado, isto é, exercitado pela própria luta pela sobrevivência e no que se ia passando a herança destas lutas para outras gerações sobretudo pela incorporação destas conquistas no melhor condicionamento do corpo como um todo. Quer dizer, não foi a mão só, mas a mão enquanto ela através da evolução agiu sobre o corpo. Ou seja, a mão livre passou a servir tanto para trabalhar quanto passou a se desenvolver na medida em que se trabalhava. Engels chega a concluir que a mão (ou a oponência do polegar) é não só órgão do trabalho (*Organ der Arbeit*) como também (*auch*) seu produto (*ihr Produkt*). Assim a mão seria tanto algo natural quanto algo cultural. A mão (com o polegar evidentemente) seria tanto a conjunção quanto a separação entre natureza e cultura. Ou seja, tudo gira em torno do trabalho. O trabalho é o que antecede à mão, uma vez que a mão é o resultado do trabalho, e é o que resulta da mão, uma vez que a rigor só há trabalho humano quando há mão. Sendo assim a mão, ou o polegar, que é o marco principal (*die entscheidende Schritt*) do fim da animalidade, é inútil ou prescindível nesta função pois já se era humano - já se trabalhava - antes dela. Em todo o caso Engels terá pouco a dizer sobre este momento para Freud tão fundamental que é a antropofagia e sua derivação para o totemismo. Neste seu texto sobre a participação do trabalho na transformação em homem (*Menschwerdung*) do macaco (*des Affen*) ele só se referirá brevemente sobre a religião em geral sem nada dizer sobre a antropofagia. Mas o que eu considero mais fantástico na história freudiana da horda paterna primitiva é que o pai, fodedor de todas as fêmeas, nunca broxasse e que nem sequer uma dentre todas as fêmeas o traísse. Não foi talvez a porretada de um dos filhos que despaternizou o pai mas uma broxada ou uma corneada. Foi, ou a retenção paterna do esperma ou o jorro infiel de esperma que matou o pai. Não seria então a oponência do polegar a origem da civilização mas a não ereção do pai ou a ejaculação gozosa produzido sem a ereção do pai, isto é, por uma outra ereção, por uma ereção que, ou resistisse à culpa ou fosse excitada pela culpa. A morte do pai, a falência do pai, estaria antes ligada ao descontrole da ereção, na rebeldia tanto da ereção que não se submete à lógica repressiva (ou à repressão da lógica) quanto na rebeldia do gozo que não carece nem mesmo da ereção. Na ereção o que se teria, pois, seria o mistério de um suposto ponto de encontro entre o cultural e o natural. “Por que o piru às vezes fica grande às vezes fica pequeno?” Como explicar ao filho este mistério - que é mais absconso ainda que o da oponência do polegar - que é o da ereção do pênis, pois que nele ainda é mais enigmática a conjugação, ou antes, a cisão de natureza e cultura. “É porque há ereção insubmissa que você é filho e não um cachorro vadio e que, conseqüentemente, não vai trepar com sua

mãe, entendeu?” Além do que, nos ensina Agostinho, este Pai da Igreja cuja obra agitou séculos, que no paraíso a ereção era voluntária, isto é, que a ereção se dava por determinação da vontade racional e não pela libido. Lembremos que Agostinho foi não só um pai espiritual, mas também foi pai espermático, a saber, de Adeodato, que é protagonista em seu diálogo *De magistro*. Agostinho ainda foi mais longe negando também que o ato sexual causasse este prazer voluptuoso que após o pecado de Adão os humanos sempre tanto se esforçam por atingir. Foi apenas Abelardo, que também foi pai espermático, a saber, de Astrolábio, que veio a se opor enfaticamente a Agostinho defendendo que pudesse haver orgasmos nas fodas paradisíacas. Tomás de Aquino, que segundo os testemunhos históricos se manteve virgem por toda a sua vida, defende também a posição de Abelardo, negando contudo sempre ainda que houvesse ereções rebeldes ou inoportunas, ou seja, que houvesse ereções pífiyas no paraíso. A história da humanidade, isto é, a história da humanidade pecadora começa com a ereção insubmissa e com a broxice. O homem se caracteriza pela fala, pelas lágrimas, pelo riso e pelo apriapismo.

Mas o maior problema de paternidade de Freud não foi ter feito filhos espermáticos em sua mulher, mas sua paternidade literária. Em particular a paternidade da *Traumdeutung* custou-lhe muito sofrimento. Foi afinal esta obra que o fez pai da psicanálise. Ainda que não se trate tal como para Camões ou para Dante da paternidade de uma língua, se tratava da paternidade do acesso à linguagem do inconsciente. Freud comentou em cartas suas angústias quanto ao peso da paternidade da *Traumdeutung*. Mas quem o conduziu até as portas desta proeza que é este livro? Qual é a primeira frase deste livro que abre as portas de nosso século? Com que frase Freud começa o livro de sua paternidade? Qual é a frase de Freud que o conduz a paternidade? A primeira frase que Freud escreve iniciando a *Traumdeutung* é: *flectere si nequeo superos, Aqueronta movebo*. É o grande pai Virgílio mais uma vez. É Virgílio que conduz Freud, tal como conduzira Dante, até as portas do inferno. A *Traumdeutung* é o inferno de Freud. Mas que voz de Virgílio, deste grande pai, Freud toma emprestado? É a voz de Juno. Desta esposa feroz, enciumada dos amores do onipotente marido. É também Freud querendo opor-se a este pai que dispõe de todas as mulheres. Freud metamorfoseado em Juno invoca os infernos. Freud, sentindo-se abandonado pelos deuses do Olimpo (*superos*) e principalmente por Júpiter, deus paterno, recorre aos deuses das profundezas. Se não posso (*si nequeo*) dobrar (*flectere*) os deuses olímpicos (*superos*), mobilizarei os infernos (*Aqueronta movebo*). Epígrafe sem dúvida admirável pela plurissemia. Falava Freud das ciências placidamente estabelecidas que ele contestaria com um tipo de anticiência? Falava ele do

pai dele? Era a sua preocupação com a paternidade? Ou era a sua virilidade que estava em questão? Ele recorreu ao pai Virgílio, mas para falar com a voz de uma mulher. De uma mulher que por mais fálica que fosse se opunha ao nunca apriático Zeus. Ao Zeus que possuía todas as mulheres e que, provocando ciúmes, tripudiava e subjugava a Juno sempre rábida com as amantes do esposo. É com este pai que Freud quer medir forças ou ele está sendo irônico indicando a própria impossibilidade do projeto da psicanálise? Impossibilidade que, é claro, não impediria que ela fosse possível. É talvez como se a psicanálise não pudesse ser anunciada nem por um homem nem por uma mulher, mas apenas nesta tensão entre macho e fêmea, entre pai e mãe, entre pai onipotente e pai desobedecido, entre mulher fálica e moça submissa, entre linguagem e inefável, entre deuses e homens.

E lá está Ruth em cima do elefante. Ela sorri. Seu sorriso é sem dúvida posado para a fotografia, mas não se mostra forçado, pode-se ao menos pensar que não lhe foi difícil se manter sorrindo pelo tempo em que Sérgio buscava enquadrar melhor a cena. A cena da foto é composta, à esquerda, por um prédio branco de mais de dois andares com janelas em arcos ornados com circunvoluções em sua parte superior; na parte inferior da foto vê-se um piso liso e cinza, talvez seja de cimento. Em cima do piso está o elefante. As suas duas patas dianteiras estão bem apoiadas no chão. A pata traseira esquerda também. Mas há uma sombra embaixo da pata traseira direita, o que indica que ela está ligeiramente elevada, logo o elefante está em movimento. Certamente o seu movimento é lento. A tromba do elefante está como que relaxada, caída perpendicularmente, ou seja, está paralela às patas dianteiras; porém a ponta da tromba está enrolada. No início da tromba, ao lado da boca, há uma presa bem branca e bem pequena, ridícula se pensarmos no tamanho do paquiderme. Em cima do elefante há como que um grande tapete com uma franja rosa em todo o seu contorno. O tapete cobre o corpo do elefante indo até a metade da altura das patas. O tapete é estampado com flores rosas e brancas agrupadas de quatro em quatro formando buquês que se dispõem em distâncias regulares sob um fundo azul claro. É em cima deste tapete que há um acento bem largo, do tamanho de uma cama de bebê, onde a Ruth está sentada. Suas pernas pendem para o lado de modo que ela fica voltada para o fotógrafo. Ela usa um sapato azul claro, meias brancas, calças de brim azul e um pulôver listado de marrom e branco. As mangas do pulôver estão arregaçadas. Sobre o pescoço do elefante há um homem com calças marrons, casaco azul claro e camisa branca. Este homem tem um bigode grisalho e usa um turbante cor de rosa. Atrás do elefante há um muro que é mais alto que o elefante. A cabeça de Ruth ultrapassa a altura do muro e o

alto de sua cabeleira negra atinge o azul do céu que domina uniformemente as partes central e direita do terço superior da fotografia. No lado direito da fotografia, atrás do elefante, há uma faixa de mais ou menos um centímetro em que a foto fica descolorada. “O filme era muito ruim, era um filme indiano, não era Kodak. Muitas fotos ficaram ruins por causa destes filmes.” Assim estão estes dois recém casados e enamorados na Índia. Sérgio sempre soube amar esta terra longínqua tão díspare e tão próxima da dele, do Brasil. Do Brasil, terra que ainda hoje não aprendeu a amar a si e tampouco a seus índios: estes índios que de início foram tão oprimidos para tornarem-se lusos, para que se tornassem lusitanos pobres e servis e que hoje tanto têm sofrido com as invasões de suas reservas pelos garimpeiros. Os garimpeiros matam, estupram e poluem com dióxido de mercúrio. Tanta crueldade! Só o homem é cruel. Os leões e os tigres podem ser ferozes, mas só o homem é cruel. Após um sangrento combate, os índios vencidos fugiam fuga desordenada. O vencedor (*victor*), isto é, Mem de Sá, ordenou persegui-los e matá-los, no que foi prontamente obedecido, vindo assim a empapar (*madidans*) a floresta (*arboreas silvas*) com o sangue dos inimigos (*hostili sanguine*). Após a matança, quando então as tropas descansam (*quiescentes*) já esquecidas do cansativo trabalho (*exaustorum laborum oblitos*), corre de boca em boca o murmúrio (*murmur*) de que do cadáver de um inimigo morto havia sido cortado um braço (*sectum lacertum*). Teria sido um *brasillis*, quer dizer, um dos índios convertidos que auxiliavam os portugueses em suas proezas, quem o teria roubado: um que, ainda apegado ao costume antigo (*more vetusto*), furtara-o para, às escondidas, apascentar sua pança (*pasceret ut ventrem furtim*). Quando tal rumor (*fama*) chegou (*percussit*) aos ouvidos (*ures*) do piedoso chefe (*pii praesidis*) este mandou ameaçar de morte (*minitari funera*) quem roubara tal membro, a não ser que (*nisi*) o braço (*lacertum*) fosse logo (*protinus*) restituído (*redat*). E, também às escondidas, o braço foi restituído. Com esta atitude do pio comandante ficou claro seu amor a Cristo (*tantus amor Christi*) e quanto lhe premia o peito (*tanta urget pectora*) o propósito (*cura*) de abolir (*abolere*) estes ritos inumanos (*inhumanos ritos*) desta gente sanguinária (*gentis cruentae*). Sérgio e Ruth de volta ao Brasil geraram Helena. Na foto todos estão sentados num sofá. À esquerda da foto está Ruth de calça azul e camisa vermelha. Ela não sorri. A sombra de seu perfil se delineia nitidamente na parede branca indicando que a foto foi tirada com um flash. A seu lado, no centro da foto, está Helena sentada num tipo de cadeira que chamam de bebê-conforto. Helena está vestida de rosa. À direita da foto com calça azul escura e camisa azul escura está Sérgio. Seu cabelo agora é curto e ele usa uns óculos de armação preta. Suas feições são sérias. Na parte superior da foto há um pano com uma

larga borda vermelha onde se inserem desenhos de flores intercalados por desenhos de pássaros formando um padrão regular. Para dentro da borda o pano é de fundo branco sobre o qual desenhos de várias figuras se distribuem simetricamente em relação a uma linha que se pode imaginar cruzaria verticalmente o meio do pano. Dentre as figuras de motivos variados há mais uma vez flores e pássaros.

Assim Sérgio tornou-se espermaticamente pai. É certo que ele talvez ainda esteja por se paternizar de outras maneiras. Mas afinal quando se passa a ser pai? Para Freud a paternidade dos livros parece lhe ter sido a mais penosa. Mas será que não se pode ser pai exatamente por se ter habilmente omitido de sê-lo? Não é exatamente este o caso de nosso Brás Cubas que debochando até do deboche fala como se houvesse sido passivo diante da vida - e tão passivo que não teria chegado sequer a ter um filho! - quando, antes, foi ele tremendamente ativo na defesa de sua prazerosa passividade. Afinal ele teve riquezas e não lutou para tê-las. (Contudo sempre foi ativo o suficiente para mantê-las.) Não se casou, mas teve a mulher que quis na cama que escolheu. (Inclusive à sua cabeceira na hora da morte.) Não quis ter filhos e não os teve. Foi uma vida bem agradável a que ele levou. Foi enfim uma vida de sábio, bem temperada. Nunca se entediou e sempre foi basicamente saudável. Sempre teve a dose certa de prazeres intelectuais e carnis. Não foi, é certo, um herói camoniano, não lutou guerras e não se deitou com ninfas mitológicas, mas teve o sóbrio heroísmo burguês cuja recompensa são as amantes bem casadas, amadas em alcovas dissimuladas. Pensando-se bem a única miséria de Brás, se é que ele teve alguma, foi a consciência do apriapismo - nisto ele sem dúvida bem diferia dos intrépidos navegantes lusos que, pelo que nos narra Camões, seguros estavam de disporem de uma infalível força priápica. E quão graciosas são as ninfas camonianas! Quão frágeis, quão tenras! Quão excitante é elas já se haverem dado aos varões que desembarcam, mas resistirem-lhes correndo deles. Elas guardam assim tanto o encanto fálico das prostitutas que não recusam os amores quanto as primícias virginais das donzelas que por natural pudor afugentam-se dos homens. Todas gracilmente fogem, resistem. “Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos, /Mas, mais industriosas que ligeiras, /Pouco e pouco, sorrindo e gritos dando, /Se deixam ir dos galgos alcançando.” Se deixam também serem surpreendidas no banho. “Outros, por outra parte, vão topar /Com as Deusas despidas que se lavam; /Elas começam súbito a gritar, /Como que assalto tal não esperavam.” E assim este pudor fingido (que não é nenhum falso pudor) leva a que umas fujam para o mato, que outras se vistam às pressas e que outras se lancem no rio para esconder “o corpo n’água”, mas a todas elas os bravos “mancebos” lusitanos perseguem, pelas selvas e

pelas praias, e há também quem, atrás de esbelta ninfa que esquiva suas formas imergindo-se, se lance no rio de modo “a matar na água o fogo que nele arde”. Se no rio há júbilo, nas matas as blandícias não são menos arrebatadas. “Oh, que famintos beijos na floresta! /E que mimoso choro que soava! Que afagos tão suaves! Que ira honesta, /Que em risinhos alegres se tornava!” Estes são os prazeres que Camões, bravo guerreiro, aprendeu com os deuses que devem ser dados aos seus feros navegantes: “Não eram senão prêmios que <o mundo> reparte , /Por feitos imortais e soberanos”. Os heróis são levados para uma ilha paradisíaca com ninfas que amam e gozam. O paraíso é, pois, onde as ereções não falham (mas somos então ainda humanos?). Lembremos que estes homens, isto é, barões, devido aos esforços e feitos deles haviam se divinizado: “barões que esforço e arte /Divinos os fizeram, sendo humanos”.